

Na tentativa de ressignificar um território de passagem “Aos Que Aqui Estão”, do Balé de Rio Preto, quer dialogar com a urbe insensível

Por Leidson Ferraz
Crítico convidado

“Aos Que Aqui Estão”, espetáculo do Balé de Rio Preto, foi agendado como atração do FIT Rio Preto 2025 para ocupar um espaço literalmente de passagem, na explanada do Terminal Rodoviário da cidade. A coreografia é assinada coletivamente pela equipe formada por sete bailarinos (oito no original), sob provocação e direção artística de Érika Moura. No programa do evento a sinopse afirma que o trabalho nasceu como livre inspiração a partir de criações do grafiteiro Banksy, consagrado mundialmente por seus sarcásticos murais e telas, mas cuja identidade ainda é desconhecida. Como a dança contemporânea nos impele a absorvê-la para além do racional, e já que não fomos apresentados no decorrer da sessão a nenhuma das obras do artista (há uma referência visual à “Menina com Balão”), a minha imaginação fluiu no modo de apreender impressões daqueles corpos, vozes e sons imersos num ambiente bem específico.

Sei que sobrevivendo numa cidade do interior paulista, o Balé de Rio Preto ainda está se levantando de uma grave crise que quase o levou ao fim das atividades. Com a pandemia, a equipe perdeu a sua sede, os encontros têm sido poucos (uma única vez por semana, segundo a bailarina Carol Campos), e cada um dos seus intérpretes busca aperfeiçoar-se da maneira que pode, mas o resultado cênico de “Aos Que Aqui Estão” em nada favorece a tão delicado momento. Além dos corpos estarem visivelmente em defasagem técnica, especialmente o núcleo masculino, a obra, por seu caráter tão improvisacional, não ajuda o espectador a mergulhar nela com maior afinco, nem pela empatia dos temas salpicados – tentam camuflar-se no cenário urbano, mas com ações frágeis –, nem pelo apuro virtuosístico de uma possível técnica no dançar. As frases soltas ou diálogos que dizem sobre seus cotidianos ou imposições do mundo são, inclusive, dispensáveis.

Concebida como uma “dança invasão”, talvez o seu caráter transicional de ocupação de variados espaços, em trânsito mesmo – o que daria um impacto muito maior à obra e à expectativa do(s) público(s) –, sem a necessidade de ter a mesma plateia constante, a fizesse mais forte enquanto experiência prioritariamente fugaz, como um respingo de arte no vai-e-vem da lida diária, tal como os grafites de rua que apreciamos velozmente no correr urbano. Ao acompanharmos na íntegra o trabalho, praticamente estáticos no mesmo lugar (aqui e ali sofrendo a passagem de um dos corpos mais próximos a nós), as fragilidades do roteiro se tornam evidentes, como se células salpicassem aleatoriamente sem a força necessária para um discurso mais contundente com a urbe caótica ou um possível “egoísmo social”. Isso porque, tão aberta ao improvável, a obra chega a se tornar perdida, como se os bailarinos esperassem um comando para nova diretriz que demora a chegar.

A escolha de finalmente colocar, ao vivo, músicas conhecidas e sonoridades no desenrolar das cenas (a opção inicial era ainda mais radical, sem suporte de nenhum som, a não ser do próprio ambiente invadido, o que pode ser interessante a depender do que se escuta e sua possível interação), misturando “Sangue Latino” e “Ovelha Negra” ao violão, na voz da musicista Elis Bohrer, seguidas de uma paisagem sonora de exploração a instrumentos como um bumbo, um pandeiro e um ganzá – com este várias vezes “arranhado” ao chão –, não ampliou em nada a reverberação das temáticas ali dispostas, num estranhamento apenas inócuo. Se o trabalho parte das criações do grafiteiro Banksy, onde está o teor satírico? Onde estão os conceitos de poder e autoridade tão fortemente criticados nos seus murais? Os jogos de brincadeiras de pega-pega ou de pisar um no pé no outro traduzem suficientemente isso? O solo de um bailarino negro, que o leva a ser pisoteado pelos demais, não é um tanto óbvio a tal constatação?

Se aqueles corpos estariam agindo quase que involuntariamente numa crítica à mecanização dos próprios seres humanos que passam por aquele lugar de instante a instante, onde só se pulsa o interesse de se chegar aonde deseja, deveríamos ter tido bem maior impacto a cada novo momento coreográfico, talvez numa imposição de deslocamento forçado que, ao meu ver, se faz muito necessário. Acredito que o espetáculo, esvaindo-se de interesse nos seus longos 45 minutos de exposição, necessita de mais radicalidade e de uma pesquisa de corpos em verdadeiro diálogo com o ambiente em risco (ouvíamos um

áudio institucional constante sobre segurança que nem sequer foi apreciado). Penso que o Balé de Rio Preto pode ir muito mais... Composto o elenco de artistas-criadores estavam Carol Campos, Danilo Melo, David Balt, Fábio D'Albert, Fernando Souza, Natália Gazola e Thaís Benites. A direção geral do conjunto é de Creuza Arruda.

Julho/2025